

INFORME GEOBRASIL

(www.geobrasil.net)

- ◆ **DICAS DA SEMANA**
 - ALERTA DE VIRUS MYDOOM
- ◆ **CONCURSOS**
 - UFMG RECEBE INSCRIÇÕES PARA CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GEOTECNIA AMBIENTAL
 - SELEÇÃO DE PROFESSOR VISITANTE NO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP
 - MBR SELECIONA TRAINEES
- ◆ **LIVROS**
 - LISTA DO SITE EARTH-PAGES
- ◆ **ÍNDICE DE NOTÍCIAS**
- **AMBIENTE BRASIL**
 - GÁS NATURAL LIMPA O AMBIENTE E REDUZ PREÇO DO TRANSPORTE
 - AUDIÊNCIA PÚBLICA DISCUTE LICENCIAMENTO DE DEPÓSITO DE REJEITOS NUCLEARES
 - PETROBRAS INAUGURA USINA EÓLICA NO RIO GRANDE DO NORTE
 - CIENTISTAS PUBLICAM NOVOS ESTUDOS SOBRE O CARBONO ESTRUTURAL
 - PROJETO BRASIL DAS ÁGUAS TERMINA PRIMEIRA ETAPA DA REGIÃO SUL
- **JORNAL DA CIÊNCIA**
 - NOVO VÍRUS ATACA SERVIÇO DE CORREIO ELETRÔNICO
- **COMCIÊNCIA**
 - ENERGIA NUCLEAR
- **CPRM**
 - MAPAS GEMOLOGICOS
- **MUNDOGEO**
 - NOTICIAS DA SEMANA
- **NATURE**
 - PALAEOGEOGRAPHY: DEVONIAN TETRAPOD FROM WESTERN EUROPE
 - NATURAL EXAMPLES OF OLIVINE LATTICE PREFERRED ORIENTATION PATTERNS WITH A FLOW-NORMAL A-AXIS MAXIMUM
- **SCIENCE**
 - GEOCHEMISTRY
 - GEOLOGY
 - GEOPHYSICAL
 - MINERALOGY
 - PALEONTOLOGY
- **EARTH PAGES**
 - SEASONAL ADVICE TO GRADUATE STUDENTS
 - ECONOMIC AND APPLIED GEOLOGY
 - ENVIRONMENTAL GEOLOGY AND GEOHAZARDS
 - GEOBIOLOGY, PALAEONTOLOGY, AND EVOLUTION
 - PLANETARY, EXTRATERRESTRIAL GEOLOGY, AND METEORITICS
 - JOURNAL NEWS
 - TECTONICS
- **ESA PORTAL**
 - NOTICIAS DA SEMANA

****As pessoas interessadas em receber nossa newsletter via mail, podem escrever para acfonseca@geobrasil.net ou revistadegeologia@yahoo.com.br pedindo sua adesão.*

♦ **DICAS DA SEMANA**

ALERTA DE VIRUS MYDOOM

Alertamos para o vírus MyDoom, que se propaga através de arquivos executáveis anexados na mensagem, e também através de arquivos ZIP anexados. Alertamos a todos que evitem abrir arquivos anexados não solicitados. Os títulos das mensagens são os seguintes:

- test
- hi
- hello
- Mail Delivery System
- Server Report
- Status
- Error

Maiores informações sobre o vírus (e remoção manual):

<http://securityresponse.symantec.com/avcenter/venc/data/w32.novarg.a@mm.html>

♦ **CONCURSOS**

UFMG RECEBE INSCRIÇÕES PARA CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GEOTECNIA AMBIENTAL

São 30 vagas. Inscrições até 14/2

Informações e inscrições no site: <http://www.fundep.ufmg.br>

SELEÇÃO DE PROFESSOR VISITANTE NO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP

Inscrições abertas até 4/2

Será dada preferência a candidatos com ampla experiência e cujos projetos sejam interdisciplinares e inseridos nos campos de atuação das ciências ambientais.

As inscrições podem ser feitas na sede do IEA, das 9 às 12h e das 14 às 17h. O Instituto fica Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374, Edifício da Antiga Reitoria, Cidade Universitária, SP.

Os candidatos não devem ter vínculo empregatício com a USP. A seleção será feita com base no projeto de pesquisa e no currículo de cada candidato.

Espera-se dos interessados elevado potencial de realização, comprovado a partir de sua experiência profissional e publicações. O candidato selecionado será contratado em regime similar ao RDIPD da USP, com remuneração compatível com sua titulação.

O início das atividades (para um período de um ano, renovável por mais um ano) será no primeiro semestre de 2004. Mais informações pelos fones (11) 3091-3919 e 3091-4442 ou pelo e-mail iea@usp.br.

O edital completo foi publicado no 'Diário Oficial do Estado de SP' de 20 de dezembro de 2004.

MBR SELECIONA TRAINEES

A MBR está selecionando para seu programa de trainees profissionais formados entre dezembro 2001 a dezembro 2003 nos cursos superiores de:

- Engenharia de Minas;
- Metalurgia;
- Geologia;
- Geografia, Biologia, Engenharia Florestal, Engenharia Agrícola e Ambiental (para atuar na área de Meio Ambiente)
- Administração de Empresas, Comércio Exterior, Economia, Ciências Contábeis (para atuar nas áreas financeira e contábil).

Pré - Requisitos:

- Inglês
- Usuário de informática
- Habilidade interpessoal

Os interessados deverão enviar o currículo para o email:

BISTENE@CATHO.COM.BR

Atenciosamente,

João Acílio C. Ribeiro

Coordenador de Remuneração
Minerações Brasileiras Reunidas S/A - MBR
(31) 3289-3164 - jci@mbr.com.br

◆ LIVROS

LISTA DO SITE EARTH-PAGES

No endereço <http://www.earth-pages.com/books.asp?page=books> é disponível uma lista de livros relacionados à geologia

◆ ÍNDICE DE NOTÍCIAS

• AMBIENTE BRASIL

GÁS NATURAL LIMPA O AMBIENTE E REDUZ PREÇO DO TRANSPORTE

Governo e empresários reúnem-se para estudar as possibilidades de substituição do diesel pelo gás natural nos ônibus urbanos. Além de influenciar o preço das passagens, o gás lança muito menos poluentes na atmosfera, em comparação com o diesel.

AUDIÊNCIA PÚBLICA DISCUTE LICENCIAMENTO DE DEPÓSITO DE REJEITOS NUCLEARES

O depósito será o terceiro construído no local e servirá para a armazenagem de rejeitos das usinas Angra I e II. O depósito terá capacidade para armazenar 5.612 embalados de 200 litros cada, provenientes das duas usinas e mais 328 caixas metálicas de um metro cúbico de rejeitos não compactáveis de Angra 1.

PETROBRAS INAUGURA USINA EÓLICA NO RIO GRANDE DO NORTE

A usina produzirá 1,8 megawatt - suficiente para atender o consumo de uma cidade de 10 mil habitantes - garantindo economia de 33 milhões de m³ de água dos reservatórios do sistema hidrelétrico do São Francisco.

CIENTISTAS PUBLICAM NOVOS ESTUDOS SOBRE O CARBONO ESTRUTURAL

Como o aquecimento global e o efeito estufa estão relacionados com o ciclo global de carbono, conhecer todos os elos desse processo tem se tornado um grande desafio científico.

PROJETO BRASIL DAS ÁGUAS TERMINA PRIMEIRA ETAPA DA REGIÃO SUL

O roteiro da expedição na Região Sul do país foi dividido em duas etapas. A primeira, realizada agora em janeiro, passou pelo centro e o oeste dos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

• JORNAL DA CIÊNCIA

NOVO VÍRUS ATACA SERVIÇO DE CORREIO ELETRÔNICO

Mais uma praga ataca a internet. Chama-se MyDoom e já mostrou rápida velocidade de disseminação pela rede, via mensagens eletrônicas
Nelson Vasconcelos escreve para "O Globo"

Segundo empresas especializadas em segurança digital, o MyDoom atacou pelo menos um em cada nove e-mails enviados desde a noite de segunda-feira, quando a primeira vítima foi identificada. Até ontem, empresas de 168 países já tinham relatado casos de infecção.

Em agosto passado, o SoBig infectou um em cada 17 mensagens durante as primeiras 24 horas de ação, e apenas via correio eletrônico. Até agora, era o vírus com mais alta taxa de infecção. Já o MyDoom, além da velocidade, preocupa os técnicos porque pode se disseminar também por sistemas de troca de arquivos como o Kazaa, extremamente populares por permitirem o download de músicas gratuitamente.

O MyDoom chega ao correio eletrônico da vítima em um arquivo anexado que, ao ser aberto pelo usuário, permite a invasão à distância do sistema. Como se prolifera rapidamente, provoca um grande congestionamento no tráfego da rede.

Empresa-alvo processou IBM por causa do Linux

De acordo com especialistas, o novo vírus pretende aproveitar-se dos computadores infectados para realizar um ataque conjunto aos computadores do SCO Group, entre os dias 1 e 12 de fevereiro.

O SCO Group é uma empresa americana que detém direitos autorais sobre o Unix, a base para o Linux, sistema operacional aberto com crescente popularidade no mundo corporativo.

Em março passado, o SCO Group abriu um processo contra a IBM, acusando-a de ter usado em seus sistemas com Linux 800 mil linhas de programação que seriam de sua propriedade. A SCO pediu nada menos que US\$ 3 bilhões de indenização à gigante.

O caso já foi o suficiente para chamar a atenção dos usuários de Linux no mundo todo. Mas o número um da SCO, Darl McBride, não se deu por satisfeito. Em dezembro passado, acusou milhares de usuários do Linux de desrespeitarem direitos autorais, ameaçando-os com processos.

Não por acaso, o SCO Group tornou-se a empresa mais odiada pela comunidade mundial de tecnologia, como diz a revista 'BusinessWeek' desta semana.

SCO oferece recompensa para localizar autor do vírus

Ontem, tão logo a onda de ataques do MyDoom tomou corpo, o SCO Group ofereceu US\$ 250 mil de recompensa para quem fornecer alguma informação que possibilite a prisão dos responsáveis pelo novo vírus.

Por trás dessa briga está o mercado mundial de servidores, ou seja, computadores de grande porte, geralmente usados para fins corporativos.

Citando a consultoria IDC, a 'BusinessWeek' lembra que as vendas de computadores com Linux cresceram 49,8% somente no terceiro trimestre do ano passado, em relação ao mesmo período de 2002, chegando a US\$ 743 milhões. No mesmo período, todo o mercado cresceu somente 2%.

- O mercado está passando por um processo em que a solução de tecnologia tem que se adaptar ao usuário, e não o contrário. Por isso o Linux conquista mais espaço - explica Jaques Rosenzaig, principal executivo da Conectiva, empresa brasileira de Linux.

Como se prevenir

O ataque: O MyDoom chega ao usuário por meio de um arquivo anexado em mensagens de correio eletrônico ou escondido em arquivos trocados por serviços como o Kazaa. Por isso, especialistas recomendam que não se deve abrir arquivos de origem desconhecida. Se o remetente for conhecido, deve-se consultá-lo para saber se o arquivo anexado é válido.

Antivírus: Os programas antivírus devem ser atualizados periodicamente. A maioria dos provedores pode indicar aos clientes os melhores antivírus disponíveis na internet.

O Globo, 28/1

- **COMCIÊNCIA**

ENERGIA NUCLEAR

Entidades cobram construção de depósito de lixo radioativo

Uma audiência pública discutiu a construção de um terceiro Depósito Intermediário de Rejeito Radioativos em Angra dos Reis (RJ) no último dia 28. A cobrança das entidades, porém, foi mais forte para a construção de um depósito definitivo, como é previsto em lei.

http://www.comciencia.br/noticias/2004/30jan04/energia_nuclear.htm

- **CPRM**

MAPAS GEMOLOGICOS

No site da CPRM, estão disponíveis para download gratuito cinco mapas gemológicos. Entre em www.cprm.gov.br, clique em recursos minerais e, a seguir, em programa pedras preciosas.

- **MUNDOGEO**

Brasil poderá contribuir com projeto do sistema de navegação europeu
Lançado novo livro de Orientação, Cartografia e Navegação Terrestre

Concurso da UFPB tem vaga na área de Cartografia e Fotointerpretação
Cresce a oferta de serviços baseados em localização para usuários
Sistema da Defesa Civil integrará dados do mapeamento de áreas de risco
Lançado mapa da região central de São Paulo
Divulgadas imagens do satélite de alta resolução OrbView-3
Ibama pede o zoneamento ambiental das áreas de plantio de eucalipto
Unisinos sediará 4ª Jornada de Educação em Sensoriamento Remoto
Site mostra GIS com o Mapa das Águas

- **NATURE**

PALAEOGEOGRAPHY: DEVONIAN TETRAPOD FROM WESTERN EUROPE

GAËL CLÉMENT*, PER E. AHLBERG†, ALAIN BLIECK‡, HENNING BLOMS§, JENNIFER A. CLACK§, EDOUARD POTY, JACQUES THOREZ & PHILIPPE JANVIER*¶

* UMR 5143, CNRS, Muséum National d'Histoire Naturelle, 75005 Paris, France

† Department of Evolutionary Organismal Biology, Uppsala University, 752 36 Uppsala, Sweden

‡ UMR 8014, CNRS, USTL Sciences de la Terre, 59655 Villeneuve d'Ascq Cedex, France

§ University Museum of Zoology, Cambridge, Downing Street, Cambridge CB2 3EJ, UK

¶ Département de Géologie, Université de Liège, Sart-Tilman, 4000 Liège-1, Belgium

¶ The Natural History Museum, London SW7 5BD, UK

janvier@mnhn.fr

Several discoveries of Late Devonian tetrapods (limbed vertebrates) have been made during the past two decades, but each has been confined to one locality. Here we describe a tetrapod jaw of about 365 million years (Myr) old from the Famennian of Belgium, which is the first from western continental Europe. The jaw closely resembles that of *Ichthyostega*, a Famennian tetrapod hitherto known only from Greenland. The environment of this fossil provides information about the conditions that prevailed just before the virtual disappearance of tetrapods from the fossil record for 20 Myr.

Nature 427, 412 - 413 (29 January 2004); doi:10.1038/427412a

NATURAL EXAMPLES OF OLIVINE LATTICE PREFERRED ORIENTATION PATTERNS WITH A FLOW-NORMAL A-AXIS MAXIMUM

TOMOYUKI MIZUKAMI^{1,2}, SIMON R. WALLIS² & JUNJI YAMAMOTO^{3,*}

¹ Department of Geology and Mineralogy, University of Kyoto, Sakyo-ku, Kyoto, 606-8501, Japan

² Department of Earth and Planetary Sciences, Graduate School of Environmental Studies, University of Nagoya, Chikusa-ku, Nagoya, 464-8601, Japan

³ Laboratory of Earthquake Chemistry, University of Tokyo, Bunkyo-ku, Tokyo, 113-0033, Japan

* Present address: Department of Earth and Planetary Sciences, Tokyo Institute of Technology, Meguro-ku, Tokyo, 152-8551, Japan

Correspondence and requests for materials should be addressed to T.M. (mizukami@kueps.kyoto-u.ac.jp).

Tectonic plate motion is thought to cause solid-state plastic flow within the underlying upper mantle and accordingly lead to the development of a lattice preferred orientation of the constituent olivine crystals. The mechanical anisotropy that results from such preferred orientation typically produces a direction of maximum seismic wave velocity parallel to the plate motion direction. This has been explained by the existence of an olivine preferred orientation with an 'a-axis' maximum parallel to the induced mantle flow direction. In subduction zones, however, the olivine a axes have been inferred to be arranged roughly perpendicular to plate motion, which has usually been ascribed to localized complex mantle flow patterns. Recent experimental work suggests an alternative explanation: under conditions of high water activity, a 'B-type' olivine preferred orientation may form, with the a-axis maximum perpendicular to the flow direction. Natural examples of such B-type preferred orientation are, however, almost entirely unknown. Here we document widespread B-type olivine preferred orientation patterns from a subduction-type metamorphic belt in southwest Japan and show that these patterns developed in the presence of water. Our discovery implies that mantle flow above subduction zones may be much simpler than has generally been thought.

Nature 427, 432 - 436 (29 January 2004); doi:10.1038/nature02179

- **SCIENCE**

GEOCHEMISTRY

A Kousa, E Moltchanova, M Viik-Kajander, M Rytönen, J Tuomilehto, T Tarvainen, and M Karvonen
Geochemistry of ground water and the incidence of acute myocardial infarction in Finland.
J Epidemiol Community Health 1 Feb 2004 58(2): p. 136.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14729895>

P Peltola and M Astrom
Urban geochemistry: a multimedia and multielement survey of a small town in northern Europe.
Environ Geochem Health 1 Dec 2003 25(4): p. 397.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14740985>

Rebeca Santamaria-Fernandez, Mark R. Cave, and Steve J. Hill
The effect of humic acids on the sequential extraction of metals in soils and sediments using ICP-AES and chemometric analysis.
J Environ Monit 1 Jan 2004 5(6): p. 929.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14737493>

Nicolas Givelet, Fiona Roos-Barraclough Present Affiliation: Chemical Analytical RD Cilag Switzerland, and William Shotyk
Predominant anthropogenic sources and rates of atmospheric mercury accumulation in southern Ontario recorded by peat cores from three bogs: comparison with natural "background" values (past 8000 years).
J Environ Monit 1 Jan 2004 5(6): p. 935.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14737494>

Q Chen, C Shen, Y Sun, W Yi, M Jiang, S Peng, and Z Li
[Quantitative simulation on the vertical distribution of soil organic matters in mountainous soil profiles in the subtropical area, south China]
Ying Yong Sheng Tai Xue Bao 1 Aug 2003 14(8): p. 1239.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14655350>

GEOLOGY

M Rouget
Inferring process from pattern in plant invasions: a semimechanistic model incorporating propagule pressure and environmental factors.
Am Nat 1 Dec 2003 162(6): p. 713.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14737709>

Marianne S. V. Douglas, John P. Smol, James M. Savelle, and Jules M. Blais
Prehistoric Inuit whalers affected Arctic freshwater ecosystems.
Proc Natl Acad Sci U S A 26 Jan 2004.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14745043>

Brooks B. Ellwood, Stephen L. Benoit, Ahmed El Hassani, Christopher Wheeler, and Rex E. Crick
Response to Comment on "Impact Ejecta Layer from the Mid-Devonian: Possible Connection to Global Mass Extinctions"
Science 23 Jan 2004 303(5657): p. 471.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14739443>

M Schonbachler, M Rehkamper, DC Lee, and AN Halliday
Ion exchange chromatography and high precision isotopic measurements of zirconium by MC-ICP-MS.
Analyst 1 Jan 2004 129(1): p. 32.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14737580>

MT Shah and S Danishwar
Potential fluoride contamination in the drinking water of Naranji area, NorthWest Frontier Province, Pakistan.
Environ Geochem Health 1 Dec 2003 25(4): p. 475.
<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14740989>

P Peltola and M Astrom

Urban geochemistry: a multimedia and multielement survey of a small town in northern Europe.
Environ Geochem Health 1 Dec 2003 25(4): p. 397.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14740985>

T Kardel

[Closer to the certain knowledge about nature--closer to Steno]

Ugeskr Laeger 15 Dec 2003 165(51): p. 4968.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14727413>

GEOPHYSICAL

Extinct Technetium in Silicon Carbide Stardust Grains: Implications for Stellar Nucleosynthesis

Michael R. Savina, Andrew M. Davis, C. Emil Tripa, Michael J. Pellin, Roberto Gallino, Roy S. Lewis, and Sachiko Amari

Science 2004 January 30; 303(5658): p. 649-652

<http://www.sciencemag.org/cgi/content/abstract/303/5658/649?ct>

G Haller and R Iacono

Stretching, alignment, and shear in slowly varying velocity fields.

Phys Rev E Stat Nonlin Soft Matter Phys 1 Nov 2003 68(5 Pt 2): p. 056304.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14682881>

Yue Meng, Ho-Kwang Mao, Peter J. Eng, Thomas P. Trainor, Matthew Newville, Michael Y. Hu, Chichang Kao, Jinfu Shu, Daniel Hausermann, and Russell J. Hemley

The formation of sp(3) bonding in compressed BN.

Nat Mater 25 Jan 2004.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14743214>

Brooks B. Ellwood, Stephen L. Benoit, Ahmed El Hassani, Christopher Wheeler, and Rex E. Crick
Response to Comment on "Impact Ejecta Layer from the Mid-Devonian: Possible Connection to Global Mass Extinctions"

Science 23 Jan 2004 303(5657): p. 471.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14739443>

MINERALOGY

MR Broadley, HC Bowen, HL Cotterill, JP Hammond, MC Meacham, A Mead, and PJ White

Phylogenetic variation in the shoot mineral concentration of angiosperms.

J Exp Bot 1 Feb 2004 55(396): p. 321.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14739259>

D Vasudevan and EM Cooper

2,4-D sorption in iron oxide-rich soils: role of soil phosphate and exchangeable Al.

Environ Sci Technol 1 Jan 2004 38(1): p. 163.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14740732>

PALEONTOLOGY

L Hou, LM Chiappe, F Zhang, and CM Chuong

New Early Cretaceous fossil from China documents a novel trophic specialization for Mesozoic birds.

Naturwissenschaften 1 Jan 2004 91(1): p. 22.

<http://highwire.stanford.edu/cgi/medline/pmid;14740099>

• EARTH PAGES

Seasonal advice to graduate students

Protecting your intellectual property

Long ago, most students entered research by thinking up their own project, albeit with advice from potential supervisors. That is rarely possible today, for many reasons. Instead, gifted students are recruited to research topics proposed to funding agencies by established scientists. More often than not, such projects slot into an overall strategy centred on an academic's career or the ambitions of a research group. There are advantages in having the sometimes undivided attention of a "boss", a structured approach to work within a broader framework, access to a group's equipment and funding, and support from several co-thinkers. With the old style, there were risks in "ploughing a lone furrow", such as abandonment by a disenchanted supervisor (the enchanted ones could be even more worrying). The single most important advantage of designing your own project, hard and risky as that might be, was one of possession from the outset. Such responsibility develops qualities that are otherwise not easy to get: independence of thought and action, time-management, resourcefulness, an ability to argue your case, and self-discipline – if you can really "hack" it. Except for the indolent and irrecoverably stupid, most people can, given some knowledge of where their subject is going and the *sine qua non* of curiosity. In those "old days", the risks were more than offset by the advantage of ownership, and it was rare for postgraduates not to be successful, and the majority gained their doctorates within three years. Today, up to a third of enrolled graduate students withdraw or fail their degrees, and hardly any complete inside this reasonable period.

Funding agencies now demand guarantees that their outlay bears fruit. They increasingly direct lines of research, so that studentships follow previous funding. The funders are more accountable, and by the iron logic of the marketplace so too must be the recipients. The upshot is continual assessment of research performance by departments, the creation of "centres of excellence", and the crushing of departments that do not measure up to an amoebic growth of criteria and guidelines. So, for anyone keen on testing their abilities to the limit and following their curiosity, the options are increasingly limited. Even if you have independent means, it is now a very rare department that encourages self-motivated research by students, or even by its established staff. In truth, most academics find it hard to be independent, because they no longer have the security that once guaranteed freedom of thought, action and expression. In Britain, if an academic began their career or earned promotion after 20 November 1987, they can be dismissed solely on grounds of redundancy, rather than "with good cause", which was the rock on which tenure used to be based. "Gross moral turpitude" was, I believe, the operative and infinitely more expressive phrase in US institutions. So for your average supervisor the world has turned upside down. Now it's a case of "publish or perish", larded with citation and impact records, and bringing cash into your institution to boost its research assessment. There are very few academics with the energy, imagination, brass neck and wit to jump through all these hoops and remain sanely independent. So we see a growth of hidden but nonetheless unwholesome vices adopted by some to survive and prosper in this deranged environment. There are many victims, but the new researcher is most at risk. During the festive season it is customary to give and receive advice, as well as greetings. Here is some that concerns the vice that dare not speak its name – plagiarism – in the form of a bestiary to help you memorise potentially risky people.

1. **Chameleons** Check out potential supervisors. The Science Citation Index will reveal their record of sole or senior authorship of papers (not reviews). If they are what they claim to be, that will dominate. Relative to that, how many times does their name appear within multi-author papers, of which they are not senior author? If the latter dominates, their reputation probably rests on offering technical facilities that they control, or the research talents of other people. You may find individuals who have a short publication list of either kind. They are either at the start of their career, or beyond all human help (except perhaps your own).

2. **Beavers** Never let anyone else do any work for you, unless they are a kindly technician (who then deserves at least an acknowledgement). Where possible, keep your research materials under your personal control – in some institutions burial is a useful tactic.

3. **Curlews** Be suspicious of a supervisor who shares your findings with the rest of a team; either you do that yourself or not at all.

4. **Moles** Although communication with others is an essential aspect of research, until you are ready to submit a paper for peer review, do not reveal all in seminars and conferences. Pay particular attention to your posters. At every conference you will see people photographing them, whom you can safely assume are after your ideas.

5. **Hamsters** Beware the friendly soul offering, without being asked, to read your first draft of a paper. Instead, plead with the most curmudgeonly academic around, the one who hammers your every utterance, for he or she will probably be honest.

6. **Tapeworms** Do not allow your supervisor to routinely add their name or others in a research team to your papers. Authorship is not based on advice, basic training in research techniques or discussion of your work. That is your supervisor's duty of care, and a good one should give far more than they take. Acknowledgements are the place to express gratitude for such assistance. Authors have to do real work, both analytical and intellectual, to deserve a place in the list.

7. **Squirrels** Insist that your supervisor lets you read all drafts of their papers that bear on your own field, to check that your findings are not included, as well as to learn. If your work appears, you have a right to authorship.
8. **Weasels** Be aware of the relationships among academics and post-docs in your department, and theirs with others in outside institutions. Keep an eye on "networking", which often involves mutual sharing of information as well as gossip, particularly if joint bids for funding are in the offing.
9. **Ravens** It is easy to be pressured overtly and subtly, particularly in a large research group. That may be beneficial, but can be to get you to toe the "party line".
10. **Wolverines** Never tolerate anything that seems like plagiarism, manipulation, obstruction, exploitation, bullying or harassment. Best to confront politely yet firmly the person responsible, but that is not easy. Finding someone who can help is not easy either. Your institution may well have a policy of pastoral care based on designated individuals, who are deemed to be disinterested and trustworthy. In the real world there is a culture of protecting long-term colleagues, which extends throughout a university; you are transitory... In case of difficulty, ask to change your pastoral advisor. Other students of longer standing may know who is straight, or have similar experiences. Whatever, it is essential that you get honest support to resolve such problems. One useful tactic is to air your grievances as accurately as possible in writing, with a copy to someone that you can trust.
11. **Diverse enchanted beasts** The most difficult obstacle to ownership can be, oddly, the genuinely honest, kindly and enthusiastic supervisor. Because of their greater experience and breadth of knowledge, your work can easily become their obsession, usually because of their frustration with your progress. They will not steal your thunder consciously, but can easily end up driving you rather than the other way round. If you want to become their creature, fine. If not, then you have battles ahead, but they will serve both of you well!

Economic and applied geology

Supergiant hydrocarbon field just leaked away

The largest producing hydrocarbon field, which is unlikely to be bettered, is the Gharwar oil field of Saudi Arabia. It extends for about 3500 km² and still contains 80 billion barrels of oil. Anything comparable in size, or bigger, would have been tripped over decades ago, because of the sheer size of the geological trap structures. That is one of the reasons to believe that hydrocarbon resources are unlikely to last until the 22nd century, unless other kinds of accumulation can be exploited economically. There are vast onshore reserves of tar sands from which the more volatile hydrocarbons have leaked away, but for them to become generally useable requires very large rises in oil price. The same conditions will have to prevail before oil shales, the source rocks for conventional hydrocarbons, become viable.. Had tectonics not induced the Colorado Plateau to rise and be eroded, oil would be far cheaper and more secure, and the USA would have even more economic and political clout than it already has. The recognition of unroofed hydrocarbon fields in that region of western North America may therefore come as a relief to many people (Beitler, B., Chan, M.A. & Parry, W.T. 2003. Bleaching of Jurassic Navajo Sandstone on Colorado Plateau Laramide highs: Evidence of exhumed hydrocarbon supergiants. *Geology*, v. **31**, p. 1041-1044).

The desert dune sandstones of the North American Jurassic form some of the world's most spectacular scenery, because of their vast outcrops in Utah national parks, such as Monument Valley. Their attraction lies in the colours of the sandstones as well their deep incision. Discovery of what was once a series of supergiant hydrocarbon fields lies in variations of that coloration. When laid down, the sandstones were reddened by precipitation of ferric (Fe³⁺) oxides from water that seeped through them during diagenesis under oxidising conditions. However, large tracts now show signs of variable bleaching, which gives the variegation that tourists flock to see. Iron has been removed in places, and for that to happen, the insoluble Fe³⁺ has been reduced to the more soluble Fe²⁺, or ferrous form. That can occur when conditions in the rock change to highly reducing, as in the case of hydrocarbons migrating in along with water. Most wind-blown sands have good porosity and their uniform grain size induces excellent permeability as well, so they are near-ideal reservoirs. However, for them to become permeated by hydrocarbons that migrated from source rocks (usually shales) requires pathways and structures in which the hydrocarbons can be trapped. The Jurassic of the western USA has alternations of these sandstones with less permeable rocks, and was deformed into huge open anticlines during the Laramide orogeny, that originally might have created such traps on a regional scale. Brenda Beitler and her colleagues from the University of Utah have mapped the zones of bleaching using Landsat-7 Enhanced Thematic Mapper data. Sure enough, the most bleached areas coincide with the crests of the large upfolds, and with reverse faults that link them to basins with source rocks and may have acted as fluid migration pathways. The pore volume that could have been available for hydrocarbon trapping would have been 2200 km³, equivalent to 18.5 trillion barrels, about 6 times larger than estimates of the modern world's recoverable oil. Since the Cretaceous, the Colorado Plateau has undergone more than 2 km of uplift and every single upfold has been breached and deeply incised. Sorry George,

the oil leaked out long ago! The inevitable leakage of the gas fraction, perhaps as much as 2 billion tonnes, could have warmed the Tertiary climate, if a significant fraction were released quickly. The main incision of the Colorado Plateau was probably in the late Miocene (around 6 Ma), when ocean-floor data suggest global warming of the order of 0.5 to 1°C.

Background to globalisation of water resources

"The second provision of any civilised society after a system of laws, is that of a safe water supply" is anonymously attributed in the repeated warnings about the parlous state of water provision for about two thirds of the world's population. Many of the private companies that took over the public water authorities in Britain now stride the planet organising that provision. In South Africa, the resulting increases in water pricing are the main source of anger throughout the poorer sections of its population, especially in the townships. In Cochabamba, Bolivia there have been mass protests about similar price hikes that came years ahead of any improvement in supplies. A consortium of national and transnational companies needed the extra cash to finance a major dam project, instead of looking to global investors in the project. *Science* carried a lengthy article that provides a context for this new trend in globalisation (Gleick, P.H. 2003. Global freshwater resources: soft-path solutions for the 21st century. *Science*, v. **302**, p. 1524-1528)

Environmental geology and geohazards

Deep-sea drilling project financed Liberian carnage

Despite the common knowledge of rapidly deteriorating conditions for civilians in Liberia for the last 10 years or so, the Joint Oceanographic Institutions' drilling vessel *Resolution* and its predecessors continues to this day to be registered under a Liberian flag of convenience. Shipping registrations form a major part of Liberia's foreign earnings, and have been used for purchase of arms that have been used on its population, and quite possibly on that of Sierra Leone. Flags of convenience allow ship owners to avoid taxation and internationally agreed regulations for the safety and working conditions of its crew. So, the International Ocean Drilling Program and NSF which funds it are in an awkward position. The whole venture is privatised, NSF funding JOI, which in turn co-owns the famous vessel with Transocean, the world's largest offshore drilling company. ODP, which directs operations claims to have been too busy with that to consider the implications of ship registry....

Source: Dalton, R. 2003. Ship row flags up funding of war in Africa. *Nature*, v. **426**, p. 485.

Wildfires and uplift chronology

The "next big thing" in geomorphological studies has been said to be precisely dating crustal exhumation during erosion and uplift. Fission tracks produced in some minerals by particles emitted by radioactive isotopes within them are preserved only when temperature is below that at which annealing can take place. That temperature varies from mineral to mineral. By counting the tracks it is possible to estimate the time since the containing mineral cooled below its annealing temperature during its rise to the surface. Analysing surface samples from different topographic elevations in an area can therefore build up a history of uplift, those lowest in the section being the last to pass through the temperature, and vice versa. Similarly, radiogenic gases only accumulate in a mineral once it cools below a temperature at which the molecular structure blocks diffusion of the gas from the mineral. One example is radiogenic argon produced by decay of ⁴⁰K. Ages of potassium minerals, such as micas and feldspars, determined by the Ar-Ar technique relate to the time when the containing samples rose through the blocking temperature. There are numerous problems with fission track dating, although most users assume that the ages that they get are real. For Ar-Ar "thermochronology" the blocking temperatures are above 150°C, which is also problematic, because for a normal continental geothermal gradient of 30°C km⁻¹ a sample would have to rise 5 km to reach the surface before yielding an age relevant to uplift and erosion history. Unless a study area has much higher geothermal heat flow, or has undergone enormous rapid uplift, most ages obtained by such studies are much older than the event of interest. In the case of helium, the blocking temperatures are lower, about 70°C in the case of apatite. So dating the accumulation of helium produced by decay of uranium and thorium in apatite offers a tool that seems near-ideal for studying rapid exhumation of the order of a couple of kilometres, and that seems likely for many mountain belts and continental margins. It is the apatite U-Th/He dating method that has spurred a flurry of new studies, now that mass spectrometry is capable of precisely measuring the tiny amounts of helium in single apatite grains. But that has its drawbacks too. On that is pretty obvious is the effect of heating of the surface in recent times. Sara Mitchell and Peter Reiners of the universities of Washington and Yale studied the effects of biomass burning on the method (Mitchell, S.G & Reiners, P.W. 2003. Influence of wildfires on apatite and zircon (U-Th)/He ages. *Geology*, v. **31**, p. 1025-1028) because modelling suggests that fires can reset apatite ages. They found that resetting and scrambling of ages does indeed occur, down to depths of 3 cm in surface samples. That casts doubt on this dating not only on detrital apatites found in soils and sediment, but also in rocks, unless the exposed surfaces are ground away before separating mineral grains. Fires are not the only means of heating rock surfaces, and high temperatures are experienced daily by many rocks due simply to solar heating at low latitudes.

This affects depths down to as much as 30 cm, especially in rocks with a dark surface. It is possible to fry eggs on exposed rock in some parts of the world, though they are not very appetizing.

Geobiology, palaeontology, and evolution

Fossil hamster's food cache

It is uncommon to find fossilised nuts, so imagine the fervour that has greeted an actual cache of them, clearly secreted by some hoarding animal. The Garzweiler lignite pit near Cologne in Germany has long been a treasure house for Miocene terrestrial fossils, thanks largely to the keen eyes of miners who work there. In 1992 they came across 1800 nuts in one of the sand horizons that divides the lignite deposit. They were in a burrow through probable dune sands. Its dimensions give a clue to the hoarder, which was about 25 cm long and weighed in at 225 grams (Gee, C.T., Sander, P.M & Petzelberger, B.E.M. 2003. A Miocene rodent nut cache in coastal dunes of the Lower Rhine Embayment, Germany. *Palaeontology*, v. **46**, p. 1133-1149). This is about the size of an extinct hamster, remains of which have been found at a similar level in the lignites. Evidently, hamsters have always worried about their future, especially when food is likely to be scarce, but are also dim-wittedly forgetful. The hazel-like nuts are the earliest-known example of a lost food cache (about 17 Ma), and have been suggested to represent the onset of seasonality in Europe during the late Early Miocene.

The selectivity of mass extinctions

Every mass extinction, whatever its magnitude, was selective; there always were surviving organisms, otherwise we wouldn't be here. However, selectivity according to the lifestyles of animals that became extinct can give important clues to the causes of extinctions. Die-off across the ecological board strongly suggests a cause that was all encompassing, such as a major impact or geochemical stress that reached into every corner, as might occur with massive flood-basalt volcanism. At the end of the Pliensbachian Epoch of the Early Jurassic there was a significant mass extinction. Its victims were mainly marine organisms, especially molluscs. Study of the disappearances of bivalve species shows that those which lived in burrows suffered more than ones inhabiting open sea floor (Aberhan, M. & Baumiller, T.K. 2003. selective extinction among Early Jurassic bivalves: A consequence of anoxia. *Geology*, v. **31**, p. 1077-1080). A likely cause is loss of oxygen from the upper layer of sea-floor sediments, but a less reducing environment immediately above the sediment surface

Planetary, extraterrestrial geology, and meteoritics

Recent snowfall on Mars

Evidence from the neutron detector on Mars Odyssey suggested the possible existence of subsurface water on Mars (*Water on Mars*, August 2002 *Earth Pages News*). I reluctantly succumbed to all the hype about what is implied by that, the more so when reports came in of dendritic drainages revealed by high-resolution elevation data (*Case for Martian rainfall strengthens* in October 2003 issue of *EPN*). In planetary exploration, including remote sensing of the Earth's surface features, progressive improvement in resolution generally reveals novelty. The Mars Orbiter Camera, deployed by the Mars Global Surveyor mission has a resolution from 15 down to 2 metres. For the Earth, you can get 15 m images freely from the ASTER programme, but to match the 2 m images would be very costly. Given a broadband or better connection you can download the lot for Mars (<http://pds-imaging.jpl.nasa.gov/atlas/>). It is this resource that scientists from Brown and Boston Universities in the USA and the Kharkov National University of the Ukraine have used to reveal the latest paradigm buster from the Red Planet (Head, J.W. *et al.* 2003. Recent ice ages on Mars. *Nature*, v. **426**, p. 797-802).

James Head and his colleagues focused on the smooth terrains, or mantles, which drape over older deposits above 30° latitude on both Martian hemispheres, especially where water had been indicated by the Mars Odyssey neutron detector. They were looking for signs of what on Earth would be regarded as periglacial features, formed by the growth and melting of subsurface ice. They found lots, including signs of flowing ice-bound debris, but they do not show them in the Article, which deals with the implications of their findings. An important conclusion is that at least some of the mantle may have formed by what could be described as very dirty snow – a mixture of ice and wind blown dust. Judging the age of the deposits directly depends on the standard stratigraphic method for all planets other than the Earth and Moon, their relationship to signs of impacts. There are very few fresh craters in the mantle, but many that have been “blurred” by it. Head *et al.* suggest that the mantle dates to at most 10 Ma. They resort to modelling climate shifts on Mars from its orbital and rotational history. Its rotational axis undergoes the greatest obliquity shifts of any planet, from about 15 to 35° over a 124,000-year cycle (unlike Earth's tilt, which slowly rocks through a range of only 4 degrees thanks to the stabilising tuggings of our large Moon). At high obliquity, the polar caps probably evaporate, loading the atmosphere with water vapour, so unlike the Earth it is global warming that induces low-latitude ice accumulation. It is this modelling that encouraged the authors to suggest an ice age between 2 million and 400 thousand years ago.

Journals News

Change of Geology Today's editor

Those of you who subscribe to *Geology Today* will have noticed that its Editor is no longer Peter J. Smith. He was the founding editor of this, the leading digest of news, comment and articles for "lay" geoscientists. *Geology Today* arose out of Peter's determination to develop a truly independent forum in the Earth sciences, which appeared as *Open Earth* back in the 1970s. One of the original five members of the Open University's Department of Earth Sciences in 1969, Peter took early retirement in March 2003. His replacement at *Geology Today* is Peter Doyle.

Tectonics

Geoscience consensus challenged

The history of science shows that what is widely agreed is generally wrong. Yet, there is more than the temptation of cosiness, and the ease of publication that goes with it, that induces even the most imaginative scientists rarely to stick their necks out. In their overthrow of the geocentric view of the cosmos, both Copernicus and Kepler felt ideological pressures that we can only guess at. Colleagues of Copernicus had been burnt at the stake, so he hid himself for the 40 years of his life and only dared publish his ideas so late that the galleys arrived at his deathbed. Kepler, a Protestant in the Holy Roman Empire, kept one step ahead of trouble by networking that would do many a modern scientist proud, and a sort of Bowdlerisation of his ideas so that they merged almost seamlessly with the prevailing ideology of both sides of European Christianity. Even the bravest, most honest and gifted scientists generally agree with their peers, simply because they rarely know any better. If they do, they either keep or are kept quiet. There is very little, if any objectivity in the science of any age... because it is scientists who do it! Kepler cuddled up to Tycho de Brahe, he of the gold and silver nose (fitted after student duelling), in order to gain access to Tycho's observational data when the old feller died. He got them alright, and began to turn the universe back on its feet, thereby opening an avenue for Newton. Neither Kepler, an unstable hypochondriac who was good at geometry, but not much else, nor Tycho, an anal retentive maker of revolutionising instruments and the founder of empirical science, but devoid of ideas, would have been celebrated for four centuries if the one had not worked with the other. The evolution of science has been marked by the influence of non-conformists, but few worked in isolation against the mainstream.

One modern geoscientist who seems rarely to conform is Warren Hamilton of the Colorado School of Mines, and now he has gone for it big time (Hamilton, W.B. 2003. An alternative Earth. *GSA Today*, v. **13**(11), p. 4-12). His starting point is to challenge the consensus among geophysicists and geochemists that the mantle has a still-unfractionated lower part beneath depleted upper mantle which has sourced oceanic and continental lithosphere progressively over time. Linked to that is the notion of easy circulation of material from top to bottom through descending, subducted slabs and plumes rising from the core-mantle boundary. Hamilton says that neither exists, and that upper and lower mantle are decoupled. His challenge stems from the certainty that the Earth accreted "hot, fast and violently", and the strong likelihood that its Moon originated after a titanic collision of Earth with a Mars-sized planet less than 100 Ma after accretion. Chances are it became wholly molten and suffered massive loss of volatiles. Such a body would have fractionated rapidly, to produce a lower mantle very unlike that imagined by most geochemists and geophysicists. Moreover, it would have remained so, partly due to its likely perovskite mineralogy, highly fractionated nature and phase-change barriers to transfer of matter – the 630, 1000 and 2000 km discontinuities. Such an early scenario would have transferred most potassium, uranium and thorium into the outermost Earth, where the generation of radiogenic heat would have concentrated. This is very similar to models proposed in the 1960s and early 70's by J.V. Smith and others, when lunar geochemistry, particularly that of the anorthositic highlands, set in motion ideas about a planet-wide magma ocean and global fractionation as it cooled. Like Smith and others, Hamilton considers continental crust to have formed rapidly, sequestering a large proportion of the elements that make mantle rocks "fertile". But only traces remain in the form of a small pinch of pre-4 Ga zircons, that could easily be lost in a single sneeze. Much of this early sial returned swiftly to the upper mantle to make it increasingly heterogeneous – fertile parts and some not so petrogenetically prone.

The current consensus has its roots, according to Hamilton, in much older ideas about the early phases of Earth's evolution. Harold Urey and others in the 1950s and early 60s considered the planet to have formed by slow, cold accretion of the most primitive meteoritic materials, chondrites, particularly those containing carbonaceous materials. They are petrogenetically highly fertile, and the radioactive heating of a chondritic Earth, plus that from core formation, would involve a continual, slow fractionation of the mantle that would probably still be going on today. That this fundamental set of assumptions still dominates, though is rarely mentioned, is down to the rapidly increasing number of mantle profiles based on seismic tomography, that are claimed to have imaged seismic-speed anomalies that could be explained by both slabs and plumes extending to the core-mantle boundary. Hamilton makes the reasonable point that the very irregular distribution of earthquakes in the top 600 km of the Earth leaves large volumes of the mantle in

blind spots, and that the majority that are used are subduction related. That, he suggests, predestines tomograph images to create artifacts that just “look” like deep penetration of descending slabs. Moreover, stunning as they look in publications, there is much graphic sleight of hand that assigns primary colours to lower mantle anomalies that have an order of magnitude lower amplitude than those at shallower depths, as well as filling unimaged areas with average or interpolated values, placement of sections to look most plausible, and a great deal of data filtering. There is a “fudge factor” that hypes the hoped-for, and avoids alternative data analysis – you can't do this kind of thing on a PC. The plume hypothesis is falsified exactly where it ought not to be – in the Emperor-Hawaiian seamount chain (see *Wandering hot spots* in the September issue of *EPN*). There the great bend dated at 45 Ma is not matched by any known change in the direction of Pacific sea-floor spreading. The magma source for the chain might well be a restricted volume of mantle, but it didn't stay still as a plume must. Seismic tomography, at the time Hamilton's essay went to press, had not verified a single plume sourced in the lower mantle – there are many cases of volcanic hotspots without any plume, and tomographically inferred hot mantle doesn't always have a volcanic expression.

Hamilton's essay is worth reading in its entirety, as it reviews the whole of Earth's tectonic and magmatic evolution. I have just tried to pick out the critical aspects here.

More, or less plumes

In view of Warren Hamilton's questioning the existence of mantle plumes (*Geoscience consensus challenged*), in the same month as his essay appeared a team of seismologists from the universities of Princeton, California, Colorado and the National Taiwan University used a new approach to seismic tomography to seek evidence for plumes (Montelli, R. *et al*, 2003. Finite-frequency tomography reveals a variety of plumes in the mantle. *Science Express* www.scienceexpress.org, 4 December 2003, p, 1-10). They present evidence for 32 suspected plumes. Some have a seismic expression at shallower depths than 650 km in the mantle, such as beneath Iceland and the Galapagos. Others seem to reach as deep as the core-mantle boundary, as beneath Hawaii and the Kerguelen Plateau. In fact most of the classic volcanic hotspots that have associated chains appear to have plumes beneath them, with the exception of Yellowstone. An apparent duality of shallow and deep plumes suggests to the authors a two-tier division in vertically moving mantle, above and below the 660 km discontinuity. The long-suspected major plumes beneath Africa and the Pacific also appear to spawn lesser plumes, that in turn sometimes split

• **ESA PORTAL**

A Mars Express, a primeira missão da ESA a Marte, atingirá a sua órbita final a 28 de Janeiro. Desde que foi ligado o seu primeiro instrumento, a 5 de Janeiro, já produziu excelentes resultados. A importância dos primeiros dados foi realçada pelos cientistas, numa conferência de imprensa realizada na passada sexta-feira no Centro de Operações Espaciais da ESA em Darmstadt, Alemanha.

http://t2wesa.r3h.net/export/esaCP/SEM91474OD_Portugal_0.html